

¿Qual mayor culpa ha tenido en una pasión errada: la que cae de rogada o el que ruega de caído?

¿O cuál es de más culpado, aunque cualquiera mal haga: la que peca por la paga o el que paga por pecar?

¿Pues para que os espantáis de la culpa que tenéis? Querredlas cual as hacéis o haceldas cual las buscáis.

Dejad de solicitar, y después con más razón acusaréis la afición de las que os fuere a rogar.

Juana Inés de La Cruz 1651-1695, La Religiosa del México, Redondillas 13 a 16.17, em Poemas Consagrados: www.locuraipoetica.com/links.htm de Marcelo Romano

Então, pinte de azul os meus sapatos por não poder de azul pintar as ruas, depois, vesti meus gestos insensatos e colorí as minhas mãos e as tuas.

Para extinguir em nós o azul ausente e aprisionar no azul as coisas gratas, enfim, nós derramamos simplesmente azul sobre os vestidos e as gravatas.

E afogados em nós, nem nos lembramos que no excesso que havia em nosso espaço pudesse haver de azul também cansaço.

E perdidos de azul nos contemplamos e vimos que entre nós nascia um sul vertiginosamente azul. Azul.

Carlos Pena Filho, Soneto do Desmantelo Azul

Verificar o azul nem sempre é puro. Melhor será revê-lo entre as ramadas e os altos frutos de um pomar escuro – azul de ténues bocas desoladas.

Melhor será sonhá-lo em madrugada, fresco, inconstante azul sempre imaturo, azul de claridades sufocadas latejando nas pedras – nascituro.

Não este azul mas outro e dolorido, evanescente azul que na orvalhada ficou, pétala ingênua, torturada.

Recupero-o sem ter, e ei-lo perdido, azul de voz, de sombra envenenada, que em nós se esvai sem nunca ter vivido.

Alphonsus de Guimarães Filho: Do Azul, Num Soneto

Chapéu azul, vestido azul, de azul bordado, azuis o pára-sol e as luvas, Senhorita, como um lótus azul por um deus animado, passa, toda de azul, por mil bocas bendita.

Há um bálsamo azul nesse azul que palpita, misticismos de um mundo, há muito e em vão, sonhado, azul que a alma da gente a idolatrará-la incita, azul claro, azul suave, azul de céu lavado.

Deixa na rua um rastro azul que cega e prende, não sei que de anormal, de fantasma e de duende que prende os pés ao solo e ao mundo os olhos cerra; vendo-a, não se vê mais nada que o azul, tonteia... Como num sonho azul, logo nos vem à idéia um pedaço de céu azul passeando a terra.

Orlando Teixeira, Azul

José Lino Grünewald, Grandes Sonetos da Nossa Língua, 1988, Editora Nova Fronteira S/A, Rio de Janeiro, RJ

Se o mal na vida é de amor, há só um remédio infalível: fingir que a dor não é dor e esquecer o inesquecível.

Clóvis Maia, Trovamar 0511 R 2700, 71-702, 88330-374 – Baln Camború

Trabalho duro faz calos, mas mata os vícios também, e dá honra e dá regalos, sem fazer mal a ninguém.

Ernesto Lopes Nunes, Sem Limites 0508 ercy.maria@telefonica.com.br

A amizade não quer palmas por ajudar seus irmãos. Deus olha o fundo das almas e nunca a palma das mãos.

Helvélio Barros, Sem Limites 0508 R Agenor Meira 14-73 17015-301 Bauru

Fiquei velho a contragosto, mas não posso reclamar. Se o tempo amassou meu rosto, não doeu, foi devagar.

Humberto Del Maestro, Trovia 0511 alw@mgalinik.com.br

Por meus possíveis fracassos assumo a culpa sozinha: se Deus libera os meus passos, sou eu que escolho o caminho.

Ney Damasceno, Trovaegre 0511 CP181. 37550-000 – Pouso Alegre/MG

São Paulo sempre crescente, excelsa, justa expansão; fruto da boa semente, és a força da nação.

Wilson de Oliveira Jasa, Fanal 0511 casadopoeta@uol.com.br

Num canto do quarto enrolado entre as cobertas filhote de gato.

Alisson Fernando Dionizio

Dentro do balaio enroscados uns nos outros filhotes de gato.

Benedita Silva de Azevedo

Domingo de sol e crianças a brincar guerra de aração.

Débora Karina Correia 14a

Um pé de goiaba na beira da estrada todas bicadas.

Gerson Ant^o Bossa Aleixo 12a

No sinal de trânsito malabarismo com limão. Meninos de rua.

Lucas Henrique Rodrigues 11a

Filhote de gato Filhote de gato
arranhando a porta toma leite no prato
querendo entrar. bigode molhado.

IVALDO DA SILVA PEDROSO JUNIOR
Robson D. A. Rodrigues

4º Concurso Brasileiro de Haicai Infanto-juvenil (a) e 17º Encontro Brasileiro de Haicai realizados em 05.11.05 – www.kakinet.com/encontro

Natal, e todos os dias do ano que vai chegar, sejam bênçãos e harmonias na alegria de seu lar!

Larissa Lacerda Menendez e Edmilson Felipe da Silva, Lávía Lacerda Menendez e Cássio Caio Prados, Maria Iracema Gomes Lacerda Menendez e Manoel Fernandes Menendez SF0012



TEMAS DA SAZÃO VERÃO – QUIDAIS DE VERÃO

Gente em profusão. É trinta e um de dezembro. Grande *reveillon!*

Analice Feitosa de Lima

No chão do pátio, folhas e flores caídas da alamanda.

Flávio Ferreira da Silva

A barata voa, pousa no braço da moça, gritos de terror.

João Batista Serra

A lua clareia trilha à igrejinha da vila. É Missa do Galo.

Leonilda Hilgenberg Justus

Quase fim de noite, centro comercial fechando. Véspera de Natal.

Manoel F. Menendez

Crianças ansiosas à espera do final da Missa do Galo.

Sérgio Francisco Pichorim



HAICUS E M FOLHA

Raios do luar, refletindo águas-vivas, prateiam as ondas. B

Ailson Cardoso de Oliveira

Lago colorido chama a atenção dos turistas. Nenúfares bóiam. X

Alba Christina

Flores estelares, sobre as folhas de nenúfar, flutuam no lago... G

Amália Marie Gerda

Bolas penduradas, nas árvores de Natal, brilham como estrelas... G

Amália Marie Gerda

Ardente e translúcida, a água-viva se espreguiça, na beira da praia... J

Amália Marie Gerda

Cresce um nenúfar na beirada da lagoa. Balança ao vento. X

Amauri do Amaral Campos

Verão. Céu azul. Na placidez da lagoa nenúfar boiando. A

Angélica Villela Santos

Banhista gritando queimado por água-viva. Final de lazer. J

Angélica Villela Santos

Bolas e siminhos na árvore de Natal pinheiro bem verde. M

Angélica Villela Santos

Menina dormindo, nos seus braços a boneca. Noite de Natal. C

Anita Thomaz Folmann

Raios de luar caindo sobre a flor branca – nenúfar azul. R

Anita Thomaz Folmann

Em grande algazarra, criança enfeitada árvore de Natal. R

Cecy Tupinambá Ulhôa

Barraco no morro... Tiras de jornal num galho. Árvore de Natal. C

Darly O. Barros

Banhistas prudentes se desviam de águas-vivas boiando no mar... M

Darly O. Barros

Nenúfares brancos banham-se na água que jorra da boca da gárgula... R

Darly O. Barros

Lindos enfeites na lagoa em repouso; flores de nenúfar. X

Denise Cataldi

Na vitrine iluminada, a árvore de Natal atrai os olhares... R

Djalda Winter Santos

Alvas borboletas ornamo o jardim do lago... Nenúfar em flor! G

Elen de Novais Felix

Olhinhos atentos sobre a árvore de Natal, criança vê o céu! X

Elen de Novais Felix

Durante a montagem da árvore de Natal, vovô sorridente. M

Flávio Ferreira da Silva

As belas nenúfares repetem sua beleza e cor no espelho das águas. R

Maria App. Picanco Goulart

Sinos replicando. Uma árvore de Natal enfeitada a favela. C

M^o Marlène N. Teixeira Pinto

A beira do mar, água-viva transparente. Menino correndo. J

M^o Marlène N. Teixeira Pinto

No meio da sala, uma árvore de Natal reúne a família. C

Renata Paccola

O hocu era e é a partida para o encadeamento de estrofes conhecido como haicai, e nada tem a ver com os demais tercetos ou duetos deste. O hocu (literalmente *estrofe inicial*), devido a sua função no encadeamento, era e é um terceto aberto. Considero o haicu com seus mesmos princípios, e contendo um corte no texto, a mais antiga poesia moderna do mundo.

O haicu deve ser feito no momento da ocorrência, dando destaque ao quigo (palavra da sação), *seu único principal motivo*: é um instantâneo filmado em palavras. Quanto mais excluirmos pensamentos, explicações, conclusões, opiniões, adjetivos, alterações nos seus substantivos etc., mais aperfeiçoaremos sua feita na metragem 5-7-5 ou menos. Fazer este fácil entendido, *só praticando*. Não há outra opção: comece já!

Num Quadro Final (análise dos votantes e votados do mês), à parte, orientaremos sobre os tercetos de Haicus em Folha, visando o aperfeiçoamento quanto a melhor percepção dos mesmos. *Vamos lá, coragem!*

4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

SELEÇÕES MENSAIS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Remeter até 30.12.05, quigos à escolha: Laranja, Mosca outoniça, Nuvem de outono.

Remeter até 30.01.06, quigos à escolha: Céu azul profundo, Malhação de Judas, Rocio.



Enviar para: Manoel Fernandes Menendez

Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132
01150-011 - São Paulo, SP

ou mfmenendez@ig.com.br

1. Preencher até três haicus, (veja quigos ao lado, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio com nome e endereço do remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também sinônimos *corretos* dos respectivos quigos – palavras da estação, ou seja, sinônimos referentes à *natureza*.
2. Posteriormente o haicuista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.
3. Sete dias após remessa do rol para escolha, o haicuista enviará seus votos numa folha, para apuração do resultado. A folha conterá o nome do haicuista selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicus de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.

T E R C E T O S D I V E R S O S

* * *

Manga-rosa gostosa... chupa, duas, três... que delícia! Agostinho José de Souza	Na estrada do sol, água de coco gelada chamando os fiéis. Alba Christina	Árvore enfeitada. É véspera de Natal! Corações em festa. Alda Corrêa M. Moreira	Angélicos rostos, na véspera de Natal, aguardam Jesus. Amália Marie Gerda	Voando invade a repugnância das gentes barata sem culpa. Amauri do Amaral Campos	Natal! Meia-noite. Relógio marcando o horário da Missa do Galo. Analice Feitoza de Lima	Bem-me-quer na sorte dos girassóis mal-me-quer. Carlos Roque B. de Jesus
Natal sem Javé presente esquecido num dia qualquer. Charles Gonçalves	Rainha das flores. Vermelha, amarela... – rosa: cada qual mais bela. Cecy Tupinambá Ulhôa	Dá água na boca: roliça... bela... sensual... Manga bem madura. Djalda Winter Santos	Messias – de estalo – vê o boi sobre a manjedoura na Missa do Galo. Fernando L. A. Soares	Repicam os sinos, na véspera de Natal... Jesus ou Noel? Fernando Vasconcelos	Natal! Belas frutas dignificam a mesa. Doce abacaxi. Haroldo Rodrigues de Castro	Casa de praia deserta em todo inverno. Folia no verão!... Hélcio Durso
Lá fora, o toró, identifica o verão das chuvas na tarde!... Hermoclydes Siqueira Franco	Na Missa do Galo, a maioria dormindo... – Cansaço do dia! Humberto Del Maestro	Chuva de verão, menina, foi o nosso amor; durou muito pouco! João Batista Serra	Véspera Natal noite de missa bonita e Cristo nasceu! Jorge Picanço Siqueira	Ano Novo. Festa! Grupos saudando! Alguém só... lacrimando ausências... Leonilda Hilgenberg Justus	Caranguejo atleta halterofilista, exibe seu andar de lado. Maoel F. Menendez	A manga madura no pé atrai passarinhos antes da colheita. Maria App. Picanço Goulart
Naquele Natal: “Malcriada não tem presentes. Papai Noel.” Mamãe... Mª de Jesus Baptista de Mello	A vovó é severa: – Primeiro a Missa do Galo, depois, vem a ceia. Maria Reginato Labruciano	Acará na mesa. Assado, frito e cosido. Foi pescado hoje. Nadyr Leme Ganzert	Natal. Data? Vida! é um povo todo em respeito crente em sua lida... Nilton Manoel Teixeira	A dama-da-noite deixa nos seios noturnos rastros de perfume. Roberto Resende Vilela	Na madrugada eu olhando a barata que me observa. Sérgio Francisco Pichorim	Ressurge a esperança na véspera de Natal. Penso no Messias. Walma da Costa Barros

O maridão virou bicho... ao constatar o tal fato: viu na testa o carrapicho que a mulher trouxe do mató. Adelir Machado	Quanta ternura e carinho, quanta pureza inocente, naquele abraço fofinho do meu pinguinho de gente! Alfredo de Castro	Que cena mais comovente! Correndo para os meus braços, esse pinguinho de gente que ensaia os primeiros passos... Darly O. Barros	Esta gente brasileira viaja, desde criança, como eterna passageira do comboio da esperança! Eduardo A. O. Toledo	Estranho no meu vizinho o que aconteceu agora: comeu o bicho todinho e jogou o queijo fora. Fernando Cruz	Gente mesmo de verdade é quem, na exata medida, faz parte da humanidade que respeita as leis da vida. José Mª Machado de Araújo
Prestando-se a mil façanhas com seus tipos diferentes, as máscaras trazem manhas que nem sempre são prudentes... Lourdes Ap. Cione	A mocinha está contente, sorrisos ela não nega. E o pai nada confiante: – Cuidado, que o bicho pega!... Lydia Lauer	Meus carnavais de criança... máscaras... futilidades... me deixaram na lembrança mil confêtes de saudade. Miguel P. Cione	Todos vemos cada dia nossa máscara mudar, mas o importante seria nosso interior transformar. Othniel F. de Souza	Não há bicho que não deixe suas marcas na Julinha: no pé, tem olho de peixe no olho, tem pé de galinha! Renata Paccola	Com máscara da ilusão minha altivez nem percebe quando a porta da emoção ergue a tranca e te recebe. Rita M. Mourão

XIV Jogos Florais de Ribeirão Preto, 1997

A R E P A R T I Ç Ã O D O S P Ã E S

Era sábado e estávamos convidados para o almoço de obrigação. Mas cada um de nós gostava demais de sábado para gastá-lo com quem não queríamos. Cada um fora alguma vez feliz e ficara com a marca do desejo. Eu, eu queria tudo. E nós, ali presos, como se nosso trem tivesse descarrilado e fôssemos obrigados a pousar entre estranhos. Ninguém ali me queria, eu não queria a ninguém. Quanto a meu sábado – que fora da janela se balançava em acácias e sombras – eu preferia, a gastá-lo mal, fechá-lo na mão dura, onde eu o amarfanhava como a um lenço. À espera do almoço, bebíamos sem prazer, à saúde do ressentimento: amanhã já seria domingo. Não é com você que eu quero, dizia nosso olhar sem umidade, e soprávamos devagar a fumaça do cigarro seco. A avareza de não repartir o sábado ia pouco a pouco roendo e avançando como ferrugem, até que qualquer alegria seria um insulto à alegria maior.

Só a dona da casa não parecia economizar o sábado para usá-lo numa quinta de noite. Ela, no entanto, cujo coração já conhecera outros sábados. Como pudera esquecer que se quer mais e mais? Não se impacientava sequer com o grupo heterogêneo, sonhador e resignado que na sua casa só esperava como pela hora do primeiro trem partir, qualquer trem – menos ficar naquela estação vazia, menos ter que refrear o cavalo que correria de coração batendo para outros, outros cavalos.

Passamos afinal à sala para um almoço que não tinha a bênção da fome. E foi quando surpreendidos deparamos com a mesa. Não podia ser para nós... Era uma mesa para homens de boa-vontade. Quem seria o conviva realmente esperado e que não viera? Mas éramos nós mesmos. Então aquela mulher dava o melhor não importava a quem? E lavava contente os pés do primeiro estrangeiro. Constrangidos, olhávamos.

A mesa fora coberta por uma solene abundância. Sobre a toalha branca amontoavam-se espigas de trigo. E maçãs vermelhas, enormes cenouras amarelas, redondos tomates de pele quase estalando, chuchus de um verde líquido, abacaxis malignos na sua selvageria, laranjas alaranjadas e calmas, maxires eriçados como porcos-espinhos, pepinos que se fechavam duros sobre a própria carne aquosa, pimentões ocios e avermelhados que ardiavam nos olhos – tudo emaranhado em barbas e barbas úmidas de milho, ruivas como junto de uma boca. E os bagos de uva. As mais roxas das uvas pretas e que mal podiam esperar pelo instante de serem esmagadas. E não lhes importava esmagadas por quem. Os tomates eram redondos para ninguém: para o ar, para o redondo ar. Sábado era de quem viesse. E a laranja adoçaria a língua de quem primeiro chegasse. Junto do prato de cada mal-convidado, a mulher que lavava pés de estranhos pusera – mesmo sem nos eleger, mesmo sem nos amar – um ramo de trigo ou cacho de rabanetes ardentes ou uma talhada de melancia com seus alegres carochos. Tudo cortado pela acidez espanhola que se adivinhava nos limões verdes. Nas bilhas estava o leite, como se tivesse atravessado com as cabras o deserto dos penhascos. Vinho, quase negro de tão pisado, estremecia em vasilhas de barro. Tudo diante de nós. Tudo limpo do retorcido desejo humano. Tudo como é, não como quiséramos. Só existindo, e todo. Assim como existe um campo. Assim como as montanhas. Assim como homens e mulheres, e não nós, os ávidos. Assim como um sábado. Assim como apenas existe. Existe.

Em nome de nada, era hora de comer. Em nome de ninguém era bom. Sem nenhum sonho. E nós pouco a pouco a par do dia, pouco a pouco anonimizados, crescendo, maiores, à altura da vida possível. Então, como fidalgos camponeses, aceitamos a mesa.

Não havia holocausto: aquilo tudo queria tanto ser comido quanto nós queríamos comê-lo. Nada guardando para o dia seguinte, ali mesmo ofereci o que eu sentia àquilo que me fazia sentir. Era um viver que eu não pagara de antemão o do sofrimento da espera, fome que nasce quando a boca já está perto da comida. Porque agora estávamos com fome, fome inteira que abrigava o todo e as migalhas. Quem bebia vinho, com os olhos tomava conta do leite. Quem lento bebeu o leite, sentiu o vinho que o outro bebia. Lá fora, Deus nas acácias. Que existiam. Comíamos. Como quem dá água ao cavalo. A carne trinchada foi distribuída. A cordialidade era rude e rural. Ninguém falou mal de ninguém porque ninguém falou bem de ninguém. Era reunião de colheita, e fez-se trêgua. Comíamos. Como a horda de seres vivos, cobríamos gradualmente a terra. Ocupados como quem lava a existência, e planta, e colhe, e mata, e vive, e morre, e come. Comi com a honestidade de quem não enganava o que come: comi aquela comida e não o seu nome. Nunca Deus foi tão tomado pelo que Ele é. A comida dizia rude, feliz, austera: come, come e reparte. Aquilo tudo me pertencia, aquela era a mesa de meu pai. Comi sem ternura, comi sem a paixão da piedade. E sem me oferecer à esperança. Comi sem saudade nenhuma. E eu bem valia aquela comida. Porque nem sempre posso ser a guarda de meu irmão, e não posso mais ser a minha guarda, ah, não me quero mais. E não quero formar a vida porque a existência já existe. Existe como um chão onde nós todos avançamos. Sem uma palavra de amor. Sem uma palavra. Mas teu prazer entende o meu. Nós somos fortes e nós comemos. Pão é amor entre estranhos.

Gentileza de Lúvia Lacerda Menendez

Clarice Lispector, em Elenco de Cronistas Modernos, 19ª Edição, 2003, Editora José Olympio Ltda. (Atendem pelo Reembolso Postal): Rua Argentina 171, 1º andar, São Cristóvão: 20921-380 – Rio de Janeiro, RJ – Fax (0 21) 2585-2086, Tel (0 21) 2585-2060

Onde está Deus? Se vê, ou não se vê.
Se precisas dizer-te onde está Deus, Deus vai embora.
De nada vale dizer-te que vive em tua garganta.
Que Deus está nas flores e nas sementes,
nos pássaros e nas chagas,
no feio, no triste, no ar, na água;
Deus está no mar e às vezes no templo,
Deus está na dor que fica e no velho que passa
na mãe que pari e no carrapato,
na mulher da rua e na torre da mesquita branca.
Deus está na mina e na praça,
é verdade que está em todas as partes, mas há que vê-lo,
sem perguntar onde está como se fosse mineral ou planta.

Fica em silêncio,
olhe-se,
o mistério de que vejas e sintas,
não lhe basta?

Passa um menino cantando,
você o ama,
ai está Deus.
O tens na língua quando cantas,
na voz, quando blasfemas,
e quando perguntas onde está,
essa curiosidade é Deus, que caminha por teu sangue angustiado,
nos olhos o tens quando ris,
nas veias quando amas,
ai está Deus, em ti,
mas tens que vê-lo tu, de nada vale quem o sinalize,
quem te diga que está na capela, de nada,
hás de senti-lo tu,
galgando, riscando, limpando
as paredes de tua casa:
de nada vale que te diga que está nas mãos de todo o que trabalha,
que se vai das mãos do guerreiro,

ainda que este comungue ou pratique qualquer religião,
dogma ou ramificação;
foge das mãos do que reza e não ama,
do que vai a missa e não acende aos pobres velas de esperança;
só pode estar no subúrbio a altas horas da madrugada,
no hospital e na casa gradeada.
Deus está nisso tão sem nome
que te sucede quando algo te encanta,
mas de nada vale que te diga que Deus está em cada ser que passa.
Se te angustia esse homem que compra alpacas,
se te inquieta a vida do que sobe e não se humilha,
se te esqueces de ti e daqueles, e te empenhas em nada,
se sem por quê uma angústia te enquista a entranha,
se amanhadas associando pela manhã
e sorris a todos e a todos dás as graças,
Deus está em ti, debaixo mesmo de tua gravata.